

A SEMIOLOGIA SAUSSURIANA E A CONSTITUIÇÃO DA AD NO BRASIL

João Marcos Mateus KOGAWA¹

RESUMO: Foucault (1999) mostra-nos, em *As palavras e as coisas*, que seu esforço é por encontrar o que possibilitou a emergência de conhecimentos e teorias. Ao mesmo tempo, o filósofo postula o desvanecimento dos saberes que, justamente por terem condições de emergência, também passam por transformações, às vezes tão radicais que perdem profundamente os laços com aquilo que os originou. Com base nos trabalhos de Foucault sobre a emergência e a (não) institucionalização dos saberes, representantes de sua fase arqueológica, pretendemos: (i) Mostrar a importância e a forma com que Saussure era relido nos anos 1960/70, no interior de um campo denominado Semiologia Materialista; (ii) Demonstrar os diálogos de Escobar com as obras de Pêcheux e Althusser; (iii) Pensar essa Semiologia Materialista como avatar da Análise do Discurso que se disciplinarizou nos anos 1980.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Arqueologia; Ciência dos Discursos Ideológicos; Semiologia.

RÉSUMÉ: Foucault nous montre, dans *Les mots et les choses*, que son travail est pour trouver ce qui a facilité l'émergence de connaissances et théories. En même temps, le philosophe postule la décoloration des savoirs que, exactement car ils ont l'émergence, ils passent aussi par les transformations, quelquefois si radicales qui perdent profondément les liaisons avec ce qui les ont donné l'origine. En partant des travaux de Foucault sur l'émergence et l'institutionnalisation des savoirs, représentants de sa phase archéologique, nous avons eu l'intention: (i) Montrer l'importance et la forme avec l'œuvre de Saussure était lu dans les années 1960/70, à l'intérieur d'un champ dénommé Sémiologie Matérialiste; (ii) Démontrer les dialogues d'Escobar avec les travaux de Pêcheux et Althusser; (iii) Penser la Sémiologie Matérialiste comme changement de l'Analyse du discours qui a été disciplinarisée dans les années 1980.

Mots-clés: Analyse du discours; Arqueologia; Science des Discourses Idéologiques; Sémiologie.

1. Introdução

Dentre os aspectos constitutivos da teoria do discurso inerente à Análise do Discurso de linha francesa, o lugar da Linguística saussuriana é fundamental. Com efeito, o conceito de discurso proposto por Pêcheux na AAD69 e re-discutido em 1975 (A propósito da análise automática do discurso [...]) tem, como ponto teórico fundamental, a re-leitura dos conceitos de *langue/parole*: “Michel Pêcheux constitui o *discurso* como uma reformulação da fala saussuriana, desembaraçada de suas implicações subjetivas.” (MALDIDIER, 2003, p. 22)

A discussão pecheutiana gira em torno da polêmica da individualidade da fala em detrimento da coletividade da língua. Ao propor que a fala é individual, Saussure – mais precisamente os rastros de Saussure presentes no *CLG* – teria negligenciado a instância social da fala e do sujeito. É por essa

¹ Mestre e doutorando (bolsista CAPES) do Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp – FCLAr) sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário F. V. Gregolin.

porta deixada aberta por Saussure que Pêcheux começa a pensar o discurso em sua relação com a história e a linguística.

Na França, deparamo-nos com um grupo de pesquisadores interessados na exegese dos escritos de Saussure e na re-colocação do *CLG* no âmbito do pensamento saussuriano. Dentre esses autores, destacamos Christian Puech, Simon Bouquet, entre outros. Esses estudos são fundamentais não apenas para a compreensão da *démarche* do pensamento saussuriano, mas também da *démarche* da AD no Brasil. Isso se dá na medida em que o projeto inacabado da Semiologia saussuriana – fundado na ideia de valor – é o portal de entrada para profundas discussões em torno do discurso no Brasil dos anos 60/70.

No maior país da América Latina, a AD se disciplinariza nos anos 80 e, a partir daí, ela passa por diferentes momentos. Esse caráter póstumo – ela se inicia aqui após o período das crises ocorridas na ditadura – dá nuances diferentes à AD brasileira em relação à sua militância que ela tem no contexto francês.

No entanto, é possível re-inventar a AD no Brasil pelo lado da Semiologia. É nesse sentido que, nas décadas de 1960/70, por um viés althussero-bachelardiano, Carlos Henrique de Escobar se apropria da obra do genebrino. O objetivo, nesse momento, é a constituição epistemológica de um campo, como articulação da Linguística com a Psicanálise e o materialismo histórico que se posicionasse contra a linguística formal.

Essa empreitada pode ser acompanhada de perto nos trabalhos de Carlos Henrique de Escobar. Ele publicou vários textos sobre o estruturalismo e o marxismo durante a ditadura militar com o intuito de construir uma Linguística e uma Psicanálise fundadas no materialismo histórico de Marx. Tal postura lhe custou o expurgo da universidade, a prisão durante a ditadura e sua mudança para Portugal. Atualmente, mora em Portugal, na pequena cidade de Aveiro.

Grosso modo, a leitura da obra de Saussure feita por Escobar corresponde à inserção da Linguística no interior da Semiologia e daí para a postulação de uma teoria do discurso que pensa os meios de produção dos discursos ideológicos, responsáveis pela manutenção da estrutura social. Neste trabalho, pretendemos destacar a especificidade da relação entre a AD e a Semiologia marxista feita a partir da recusa do *CLG* como representante fiel do pensamento de Saussure. Isso nos permite pensar a AD no Brasil como uma disciplina que vem da França e se disciplinariza nos anos 80, mas que também teve como avatar a Semiologia marxista dos anos 60/70.

2. O ideológico e o científico em Saussure: sobre a incompletude do *CLG*

Escobar era professor de Semiologia e Epistemologia da Comunicação na Escola de Comunicação da UFRJ. Além disso, era professor de Fundamentos Científicos da Comunicação do Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, ensaísta e poeta.

No início de um de seus principais textos, dedicado à re-leitura da obra de Saussure, o autor cita o estudo feito por Robert Godel – marco dos estudos exegéticos da obra de Saussure em 1957. A citação de Godel aponta a incompletude do *Cours de linguistique générale* em relação ao pensamento do genebrino.

A retomada do estudo de Godel reflete o descontentamento de Escobar em relação ao trabalho dos autores/editores do *CLG*. Com efeito, toda a discussão do texto escobariano gira em torno da possibilidade de preencher as lacunas presentes no *Cours* a partir das *Sources manuscrites*. Mais do que isso, por meio dessas fontes, o autor propõe que Saussure produzira o esboço de uma teoria do discurso que só poderia ser compreendida sob a égide do marxismo.

A Semiologia materialista – que pretende pensar os meios de trabalho (as materialidades) – se abre para a Linguística, ou seja, para uma ciência que toma – ou pelo menos deveria tomar – a língua como processo de trabalho de discursos de língua articulada. Importante ressaltar que Saussure não formula essas questões. No entanto, essa articulação é insinuada pela ideia de uma Semiologia. Não que essa Semiologia represente, em si e por si mesma, uma Análise do Discurso. Ela funciona como lugar teórico de possibilidade de constituição de uma teoria do discurso presente na Análise do Discurso que se disciplinarizará mais tarde, qual seja, aquela que tem como fundamento o materialismo histórico e a Linguística.

Um ponto importante do trabalho de Escobar deriva da diferenciação – já feita por Althusser em relação aos trabalhos de Marx – entre o objeto real e o objeto de conhecimento. Nesse sentido, o projeto saussuriano caminha para um procedimento de diferenciação da sua ciência em relação a qualquer outro tipo de discurso. Nesse sentido, dois pontos são importantes: o primeiro é que os conceitos de sua Linguística encontram-se em abertura crítica; o segundo é que o seu objeto não é real, mas categoria resultante de um processo de exercício da racionalidade científica.

Essa diferenciação tomada de Althusser permite a Escobar – assim como Pêcheux pensou – pensar o discurso fora das amarras do empirismo e do subjetivismo. Nesse sentido, retomamos Maldidier (2003, p. 15): “O *discurso* me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro *nó*. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico.”

Na visão de Escobar – e ele cita uma passagem já citada por Jean Starobinski em *Le texte dans le texte* – a abertura crítica dos conceitos saussurianos é comprovada pela imprecisão em que se encontram as posições teóricas da Linguística do tempo de Saussure:

“[...] não existe um único termo nesta ciência que tenha sequer uma vez repousado sobre uma ideia clara.” (SAUSSURE, apud ESCOBAR, 1973, p. 12)

Saussure conduziria para fora da própria Linguística, como se suas verdadeiras questões fossem produzidas por uma Ciência dos Discursos Ideológicos. Sob essa perspectiva, a Linguística científica e a Semiologia materialista representam os limites e o alcance da Linguística saussuriana. Os limites consistem no fato mesmo de essa Linguística do *CLG* não formular uma relação teórica explícita com a História. O alcance é justamente a possibilidade deixada pela Semiologia de se pensar uma teoria do discurso. No entanto, a ambiguidade encontrada no *Cours* e a existência de outras fontes do pensamento do genebrino mostram a presença da ausência de uma teoria do discurso em Saussure.

É importante ressaltar que Escobar, ao afirmar que a Linguística é central para a análise dos meios de trabalho dos discursos de língua, não se trata de uma Linguística enquanto procedimento descritivo. Antes, é de uma Linguística como teoria que se trata. O caráter teórico dessa Linguística resulta de um aprofundamento ao nível da problemática saussuriana – a diferenciação de sua ciência em relação às correntes pré-saussurianas – não evidenciada pelos procedimentos descritivos das correntes estruturalistas e gerativistas.

A Semiologia Materialista dos anos 60/70 e a CDI não constituem um método de análise linguística. Nesse ponto, assinalamos uma diferença entre os trabalhos de Pêcheux e a Semiologia de Escobar: enquanto Pêcheux é um filósofo que, de certa forma, se torna um linguista, Escobar vê a linguística como inimigo a ser combatido. Com efeito, se Pêcheux adota o modelo de análise sintática harrisiano, Escobar critica os representantes das correntes formalistas da linguística. Sob essa perspectiva, a leitura de Saussure que o autor brasileiro faz é puramente conceptual e não se compromete com a elaboração de um dispositivo de análise.

Nessa re-leitura de Saussure, Escobar propõe que se tome o conceito de *langue* em três níveis diferentes, quais sejam, o nível propriamente linguístico (a *langue* como objeto descritível), um nível semiológico (a *langue* como material constitutivo do discurso ideológico) e o nível da CDI (a *langue* como objeto cientificamente construído como conceito). Esses níveis variam de acordo com o acento que Saussure imprime à autonomia ou dependência de seu objeto em relação à História. Sob essa ótica, a discussão situa-se às portas da aplicação, ou seja, Escobar não põe a Semiologia Materialista e a CDI em funcionamento. Antes, fundamenta epistemologicamente esses campos na medida em que aprofunda a discussão em torno da Linguística científica.

Essa discussão leva a profundas críticas às linguísticas gerativa e estrutural. Nem estática, nem criatividade não subjetiva, a língua é produção articulada com a história. É nesse sentido que a Linguística está sempre obrigada a sair de si mesma, mas na medida em que seus problemas tocam nas questões da Semiologia e da CDI. Nessa perspectiva, o posicionamento anti-empirista adotado por Escobar encontra eco no anti-empirismo althusseriano:

As relações sujeito/objeto ou de uma ‘harmonia pré-estabelecida’ (numa mesma problemática empirista) por onde se tem lido os conceitos de *langue/parole*, *significante/significado*, *sincronia/diacronia*, *sintagma/paradigma* etc. são recusadas no primado epistemológico da teoria [...]. (ESCOBAR, 1973, p. 16)

Nessa *episteme* anti-empirista, entretanto, não há uma recusa total dos “materiais” trabalhados pela Linguística. Nesse sentido, compreende-se que a fonologia, a morfologia e a sintaxe devem ser pensadas no funcionamento discursivo. Isso representaria uma desmistificação do objeto com o qual a Linguística trabalha:

Nossos conceitos de processo de trabalho dos discursos da língua vão muito além e não correm o risco de ficar entre a “criatividade subjetiva” (na frase) e a “universalidade” das estruturas de língua. Eles prometem se aprimorar nos conceitos de trabalho sintagmático (nos processos de trabalho da *estrutura* responsável pelos discursos de estatuto semiológico) e de comutação paradigmática com os processos de trabalho já-dados – formações discursivas maduras – da Estrutura Elaborada. (ESCOBAR, 1973, p. 17)

A partir da citação acima, pode-se depreender dois conceitos importantes para a AD: o de trabalho sintagmático e o de comutação sintagmática. Nesse sentido, é esclarecedor dialogar com a leitura feita por Courtine da noção de enunciado em Foucault. Trata-se de uma espécie de saussurianização do enunciado e do discurso. Com efeito, a citação acima nos leva a pensar em um possível apontamento para o interdiscurso e o intradiscurso que se desenvolverá na ADF a partir, dentre outros trabalhos, de *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*:

Observemos, em primeiro lugar, que o enunciado se encontra situado, de um lado, em uma *relação horizontal* com outras formulações no interior do intradiscurso de uma sequência discursiva; e de outro, em uma *relação vertical* com formulações determináveis noutras sequências discursivas no interdiscurso de uma FD: a definição do enunciado novamente acentua a

indissociabilidade dos dois modos de existência do discurso como objeto. (COURTINE, 2009, p. 90, grifos do autor)

Sob essa ótica, o objeto da pretendido por Escobar na medida em que ele relê a Linguística saussuriana é o discurso, objeto constituído historicamente e apreendido por sua materialidade. Esse novo objeto deve-se à percepção do funcionamento da língua – e de outras materialidades – no interior de um campo de forças dividido pelos combates ideológicos (semânticos), ou seja, da percepção de que a luta de classes ideológicas (e é enquanto matéria semântica que se compreende a ideologia) determina o funcionamento da língua.

Escobar demonstra um profundo conhecimento do trabalho exegético sobre as ideias saussurianas e a importância de tal conhecimento para a fundamentação da teoria do discurso. Ele se baseia nas *Sources manuscrites*, nos *Inéditos* e na edição crítica de Tullio de Mauro. Importante ressaltar que, até o momento de publicação do livro *Proposições para uma semiologia e uma linguística* (1973), essas eram as únicas descobertas existentes a respeito da epistemologia saussuriana. A edição crítica com novos manuscritos, escrita por Rudolf Engler será publicada em 1974 e, por último, em 1996, descobrem-se os *Escritos* no hotel da família de Saussure em Genebra.

Sob essa perspectiva, Escobar, já em 1973, compartilha – ainda que não tenha tido contato com ele – do posicionamento de Simon Bouquet que afirma, em uma entrevista de 1997 ao journal *Le nouveau quotidien*:

[...] Bally e Sechehaye bien qu'ils n'aient pas assisté à ces leçons de linguistique générale, avaient le pressentiment que quelque chose d'important s'y était passé. Qu'elles avaient inauguré une nouvelle façon de penser la science du langage et de projeter l'avenir de cette science. En même temps il a probablement semblé que la nouveauté – le génie propre – de la pensée de Saussure ne se reflétait qu'imparfaitement dans les notes d'étudiants qui constituaient alors la seule trace de cet événement de pensée (avec quelques rares autographes). (BOUQUET, 1997, p. 1)

Escobar acredita que o pensamento maduro de Saussure e o conteúdo das anotações dos três cursos dos alunos não coincidem. Saussure mantinha certo segredo em relação a suas posições. A estrutura dos cursos, a inserção deles no corpo de um programa universitário tradicional e o despreparo dos próprios alunos contribuíram para a solidão saussuriana.

Esses fatores levaram a uma interpretação equivocada do pensamento do genebrino. Com efeito, Bally e Sechehaye não chegaram a utilizar todas as anotações feitas pelos alunos

que assistiam aos cursos dados por Saussure. Eles afirmam: “[...] seu pensamento evolui em todas as direções sem por isso se colocar em contradição consigo mesmo.” (BALLY e SECHEHAYE, apud ESCOBAR, 1973, p. 20)

Com relação a essa incompreensão, Escobar mostra que o pensamento saussuriano não evolui em todas as direções porque estabelece um objeto de conhecimento. A existência do objeto (*langue*) representa, em si mesma, um encaminhamento preciso das questões.

As questões deixadas em aberto levam à CDI e à Semiologia Materialista. No entanto, falta a Saussure a clareza do lugar da Linguística, ou seja, da relação que a ciência da linguagem tem com a CDI: “Chegar ao objeto de conhecimento da linguística – pelo menos aproximativamente – é armar um quadro conceitual que surpreende o lado ideológico e histórico dos discursos de língua articulada”. (ESCOBAR, 1973, p. 22)

Em seu terceiro curso, Saussure fala do conceito de *langue*. Ele pensava a geografia linguística, a escrita, a fonética e as famílias de línguas. Isso era feito a partir das categorias tradicionais. Porém, essas categorias eram pensadas em relação ao contexto de discursos e ideologias. O genebrino tinha duas preocupações: por um lado, distinguir a Linguística como um campo do conhecimento (uma visada epistemológica); por outro lado, pensá-la como discurso científico em detrimento do discurso ideológico.

Há uma dupla tarefa empreendida por Saussure e que Escobar interpreta à luz da CDI fundamentada em Althusser: formular uma epistemologia da Linguística e, ao mesmo tempo, diferenciá-la dos discursos ideológicos. Isso reforça a tese escobariana de que Saussure só poderia concretizar suas reflexões e realizar seu empreendimento se formulasse a CDI.

É importante ressaltar que essa dupla tarefa não é objeto da leitura estruturalista/gerativista. O trabalho do linguista estrutural é pensar as articulações das partes constitutivas das línguas. Esse procedimento negligencia o rompimento existente entre o Saussure do *Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-européias* (1878) do Saussure dos cursos – ou o Saussure da Linguística Geral.

O trabalho de 1878 tem cunho empírico-descritivo (estuda o *a* indo-europeu e, por extensão, o sistema vocálico dessa língua em seu conjunto). Este trabalho amplia – e revoluciona – a Linguística comparada e é este critério descritivo-comparativo que, em certa medida, faz de Saussure um linguista rigoroso.

Essa posição é adotada, por exemplo, por Benvenise, a quem Escobar dirige algumas críticas ao mesmo tempo em que divide a obra de Saussure em textos do jovem Saussure e do Saussure maduro². Com efeito, em *Memória* Saussure (1879, p.1) afirma:

Si néanmoins nous nous y aventurons, bien convenu d'avance que notre inexpérience s'égarera mainte fois dans le dédale, c'est que pour quiconque s'occupe de ces études, attaquer à de telles questions n'est pas une témérité, comme on le dit souvent: c'est une nécessité, c'est la première école où il faut passer; car il s'agit ici, non de spéculations d'un ordre transcendant, mais de la recherche de données élémentaires, sans lesquels tout flotte, tout est arbitraire et incertitude.

A partir deste trecho de *Mémoire*, Benveniste (1995, p. 36) propõe uma leitura que atribui à busca pelos dados elementares (as categorias linguísticas que permitiriam a descrição das línguas) a grande inovação de Saussure:

Estas últimas linhas poderiam servir de epígrafe a toda a sua obra. Contêm o programa da sua pesquisa futura, pressagiam a sua orientação e o seu objetivo. Até o fim da sua vida, e cada vez mais insistentemente, dolorosamente se poderia dizer, à medida que se adianta na sua reflexão, vai à procura dos “dados elementares”, que constituem a linguagem, desviando-se pouco a pouco da ciência do seu tempo, em que não vê senão “arbitrariedade e incerteza”, numa época em que a linguística indo-européia, segura dos seus métodos, procurava atingir, com crescente sucesso, o método comparativo.

Para Escobar, a análise estrutural não é a Linguística produzida por Saussure mais tarde e é preciso distinguir dois Saussures: o jovem Saussure e o Saussure maduro. Mais uma vez, os avatares da AD (Semiologia Materialista e CDI) apresentam-se como ponto de crítica ao procedimento estrutural. Os dados elementares são aqueles utilizados para constituir o sistema das línguas, ou seja, as relações formalizadas em uma língua. O processo de descrição dessas relações a partir de seus dados elementares é o “[...] Saussure incorporado ‘sem dificuldade.’” (ESCOBAR, 1973, p. 25)

Essa descrição dos dados não representa, por si mesma, uma contribuição revolucionária à Linguística do tempo de Saussure. Na visão de Escobar, descrição não coincide com teoria linguística, embora o trabalho descritivo presente em *Mémoires* signifique um aprimoramento substancial da análise empírica das línguas indo-européias.

² Essa divisão encontra eco na divisão feita por Althusser da obra de Marx. Com efeito, Althusser afirma que existem dois momentos em Marx: o momento do jovem Marx e o do Marx maduro.

Escobar deixa claro que seu trabalho não desconsidera a relevância das análises empíricas (seu valor como material linguístico, antropológico, sociológico, seu poder estatístico). Não podemos perder de vista a concepção de ciência subjacente à leitura de escobariana que o leva a recusar a Linguística empírica como ciência.

Devido à novidade de suas contribuições, Saussure viveu momentos de solidão teórica. Ele se distancia de sua época na medida em que é o único que pode compreender e refletir sobre suas próprias ideias sobre a linguagem. Para Escobar (1973, p. 27),

Aquilo que verificamos nos estudos de Marx e de Freud e que Althusser chama (in 'Freud e Lacan') de “*solidão teórica*” tem a forma de um sofrimento radicalmente profundo, onde a crucificação (nada cristã) deveria ser pensada em seus efeitos, nas práticas sociais destes pensadores.

Sob essa perspectiva, o paralelo entre Saussure, Marx e Freud remete à tríplice aliança fundamental para a Análise do Discurso proposta por Pêcheux:

[...] e nós poderíamos, como já dissemos, situá-lo junto a Marx e Freud, ao nível da importância de seu trabalho teórico e dos efeitos desse trabalho no clima intelectual de seu tempo, marcado fortemente por resistências ideológicas.(ESCOBAR, 1973, p. 28)

Assim como a Psicanálise, depois de Freud, foi constantemente encarada como uma técnica ou uma filosofia, a Linguística foi, por vezes, confundida com a técnica descritiva. Nesse sentido, é preciso reconhecer que a descrição não é um fenômeno único desta ciência, assim como a terapêutica psicanalítica e sua utilidade prático-social não é o fundamento da Psicanálise. A prática analítica e a técnica são aspectos subordinados à teoria. Nesse sentido, a análise estrutural não é, em si, a revolução saussuriana, mas “[...] um aspecto (uma leitura) da estrutura da ciência produzida por Saussure.” (ESCOBAR, 1973, p. 30)

A leitura da obra de Saussure torna-se ainda mais complicada devido ao inacabamento do seu trabalho. Escobar tenta mostrar isso:

Saussure, por exemplo, não apenas não escreveu sua “Dialética” como não produziu, ao menos efetivamente, o seu *O capital* (da linguística). E até mesmo, em certo nível, o *Die traumdeutung* – (1900), por exemplo, de Freud, tem epistemologicamente vantagens, para os estudiosos, sobre o *Cours de linguistique générale*, de Saussure. (ESCOBAR, 1973, p. 30-31)

Sob essa ótica, há duas tarefas a serem realizadas na re-leitura de Saussure: protegê-lo de si mesmo, na medida em que ele é influenciado pela sociologia francesa e seus conceitos contêm ambiguidades e protegê-lo dos redatores dos cursos e seus discípulos.

Escobar retoma o exemplo de Benveniste para mostrar a confusão dos discípulos e intérpretes posteriores de Saussure. Com efeito, Benveniste diz que o processo de abstração é uma espécie de inconsciência de operações lógicas realizadas sobre os dados linguísticos. Nesse sentido, o objeto da Linguística seria algo contido em nós e do qual é preciso tomar consciência: “Isto é, *consciência desse objeto real em nós* – a lógica estrutural da linguagem.” (ESCOBAR, 1973, p. 33) No entanto, “Todo mundo sabe que os textos de Marx, Freud (e de Saussure) permitem estes testemunhos de um empirismo ameaçando dividir e comprometer a novidade essencial de suas obras.” (ESCOBAR, 1973, p. 33)

O empirismo e o esforço por formalizar rigorosamente a língua são vertentes de um idealismo linguístico que produzem efeitos como o de a Linguística ser tomada como uma abordagem puramente fonológica, morfológica ou sintática. É preciso confrontar essas questões, não para descartar seu lugar de relevância, mas para produzir o estatuto da Linguística. A transformação da Linguística do corte em procedimento prático-técnico é uma estratégia da ideologia dominante, representada pela análise estrutural. Contudo, o metodologismo – representante do imperialismo linguístico – não significou uma adesão total às ideologias dominantes.

A utilização de expressões como “metodologismo”, “imperialismo linguístico” e “adesão às ideologias dominantes”, utilizadas por nós acima, o são propositalmente para observarmos o caráter militante da AD nesse momento. Tais expressões encontram eco na tese althusseriana da filosofia como arma da revolução. A filosofia funciona como dispositivo de higienização na medida em que se converte em leitura sintomal:

A higiene (senão a *leitura sintomal*) epistemológica do *Cours de linguistique générale* implica, num primeiro momento, uma apurada crítica ideológica das deformações impostas à linguística de *Saussure* pela linguística estrutural, de que também não excluimos a gramática gerativa na forma, digamos assim, de uma oposição relativa. (ESCOBAR, 1973, p. 34)

A leitura sintomal tem o papel político e teórico de afrontar as ideologias ao nível das relações sociais de produção e superar os obstáculos que essas ideologias impõem aos objetos de conhecimento. Nesse sentido, liberar Saussure das impurezas ideológicas é, ao mesmo

tempo, postular a Linguística científica e “[...] de maneira nada indireta, a *ciência dos discursos ideológicos*.” (ESCOBAR, 1973, p. 35)

Esse trabalho de re-leitura é uma volta ao Saussure maduro e não à origem da Linguística, à natureza da não ciência a partir da qual se formaria a ciência. Nesse ponto, a volta é a retomada da ciência dos discursos de língua produzida em seus começos, como forma de crítica ao estruturalismo e como maneira de constituir um novo objeto pouco abordado pela linguística, qual seja, o discurso. Com efeito, a estrutura de Saussure não é estática como postula o estruturalismo. Em vários momentos, a estrutura é pensada na História e é nesse ponto fundamental que se justifica o paralelo entre Saussure e Marx:

Para os “estruturalistas” os elementos da estrutura são fixos e a reflexão estrutural se faz como “combinatória”. Já no marxismo, os elementos mudam sua “natureza” na *combinação*, conceito este fundamental para se pensar a estrutura como produção. (ESCOBAR, 1973, p. 35)

3. Conclusão

A Ciência da História permite apreender a estrutura como produção. Com efeito, a História produz a questão da causalidade estrutural – produz a estrutura nela mesma – em suas articulações e combinações como produção. Nesse sentido, ao produzir o objeto de conhecimento, Saussure esteve próximo do conceito de estrutura marxista. Com efeito, em Saussure, os elementos do todo não se refletem (imanentismo³) nem se geram, mas são sempre constituídos em uma estrutura articulada.

Sob esse prisma, o encontro produzido por Escobar entre Saussure, Marx e Freud nesse momento desemboca em dois campos que consideramos os avatares da AD no Brasil na medida em que formulam uma teoria do discurso semelhante: de um lado, a Semiologia Materialista, que toma a *langue* como materialidade histórica a partir da qual se fundam as ideologias; de outro lado, a Ciência dos Discursos Ideológicos, que permite considerar o discurso como objeto científico, como categoria teórica.

³ O imanentismo no sentido de que as relações internas transformam-se independentemente da história. Escobar elucida essa concepção por meio da metáfora do jogo de espelhos que enviariam uns aos outros sua imagem deformada.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. Saussure após meio século. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 34-49.

BOUQUET, S. **Il faut relire Ferdinand Saussure dans le texte**: Entretien de Laurent Wolf avec Simon BOUQUET. In: Le nouveau quotidien: Genève, 1997. Disponível em: <http://www.institut-saussure.org/>

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

ESCOBAR, C. H. **Proposições para uma semiologia e uma linguística**: uma nova leitura de F. de Saussure. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1973.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re) ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

SAUSSURE, F. **Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes**. Leipzig: Imprimeris B. G. Tkuner, 1879. Disponível em: <http://www.institut-saussure.org/>